

MERGULHO COLETIVO EM DANÇA: VIVÊNCIAS DENTRO DO PROJETO DE PESQUISA *PROCESSO DE CRIAÇÃO NA ENCANTARIA DO CORPO*

COLLECTIVE IMMERSION IN DANCE: EXPERIENCES WITHIN THE RESEARCH *PROJECT*
CREATIVE PROCESS IN THE ENCHANTMENT OF THE BODY

Rita de Cassia Lima Aroucha
FADAN-UFPA
Luiza Monteiro e Souza
UFPA

Resumo

O presente trabalho é um dos resultados das atividades desenvolvidas por meio da bolsa de iniciação científica, realizado no projeto de pesquisa *Processos de criação na encantaria do corpo: encontros, mergulhos e poéticas em dança*, da Faculdade de Dança da UFPA. A pesquisa partir da noção de rio de memórias (Aroucha; Souza, 2024) que propõe um fazer/criar em dança, utilizando a memória como um estímulo criativo para o mergulho do corpo em suas histórias de vida. Este estudo objetiva apresentar, descrever e analisar três experimentações ocorridas durante o mês de novembro de 2023, com os participantes do projeto de pesquisa supracitado, sob a coordenação e orientação da Professora Doutora Luiza Monteiro e Souza. A pesquisa tem como foco investigar os atravessamentos coletivos do corpo como potência para a experimentação em dança. Neste contexto, reflete-se a respeito da subjetividade do corpo implicada em sua dimensão coletiva, observando-se que a subjetividade é também composta de multiplicidade. Desta forma, os estímulos da subjetividade corporal em dança são atrelados às relações coletivas que se dão dentro e fora do processo criativo.

Palavras-chave:

Mergulho Coletivo; memória; dança; criação.

Abstract

The present work is one of the results of activities developed through a scientific initiation scholarship, carried out within the research project Creative Processes in the Enchantment of the Body: Encounters, Immersions, and Poetics in Dance, at the Dance Faculty of UFPA. The research is based on the concept of River of Memories (Aroucha and Souza, 2024), which suggests a methodology for creation in dance that uses memory as a creative stimulus for the body to dive into its life stories. The objective of this study is to present, describe, and analyze three experiments that took place during November 2023 with the participants of the aforementioned research project, under the supervision and direction of Professor Luiza Monteiro e Souza. The research focuses on investigating the collective intersections of the body as a potential for experimentation in dance. In this framework, it reflects on the subjectivity of the body involved in its collective dimension, observing that subjectivity is also composed of multiplicity. Thus, the stimuli of bodily subjectivity in dance are interconnected with the collective relationships that manifest both within and beyond the creative process.

Keywords:

Collective Immersion; memory; dance; creation.

INTRODUÇÃO

Afinal, nós somos ímpares, mas
fomos feitos em pares.
Sant, Viola Davis (2019)¹

Esta pesquisa segue a linha e dá continuidade aos estudos desenvolvidos no artigo *O rio de memórias como potência de criação na encantaria-corpo*² (Aroucha; Souza, 2024), que propõe um fazer/criar em dança, tendo a memória como disparador que mobiliza o corpo a mergulhar em suas histórias de vida, oportunizando a criação de danças mais significativas ao corpo criador. Partindo desse contexto, o presente artigo tem como objetivos apresentar, descrever e analisar três vivências em dança construídas a partir de mergulhos coletivos em processo de criação articulado à noção rio de memórias.

As vivências foram aplicadas durante o mês de novembro de 2023, às segundas-feiras, nos dias 13, 20 e 27, contando com a participação de cerca de vinte a quatro pessoas integrantes do projeto de pesquisa *Processos de criação na encantaria do corpo: encontros, mergulhos e poéticas em dança*,³ vinculado ao curso de Licenciatura em Dança da Faculdade de Dança (FADAN) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Além das três vivências aplicadas ao longo da pesquisa, foram concebidas três poéticas: *Poetizar*, *Por Entre Seres* e *Mergulho Coletivo*, sendo esta última um vídeo documental das experimentações desenvolvidas.

A rede teórica do estudo reúne a noção de rio de memórias (Aroucha; Souza, 2024), a filosofia Ubuntu (Nascimento, 2014; Saraiva, 2019; Cavalcante, 2020) e o conceito de rizoma (Deleuze; Guattari, 1995). No que tange à ideia de coletivo, propusemos uma interligação com a noção de rio de memórias e com a filosofia Ubuntu dos povos de matriz Bantu do continente africano: “Somos pessoas por meio de outras pessoas e que não podemos ser plenamente humanos sozinhos” (Cavalcante, 2020, p. 1). Desse modo, sugerimos estímulos à subjetividade corporal em dança atrelada às relações coletivas do corpo que se dão em processo criativo, compreendendo que subjetividade e multiplicidade estão implicadas uma na outra.

A metodologia aplicada nas experimentações utilizou a noção de rio de memórias, especialmente em algumas etapas criativas propostas: à beira; arquivo memória-corpo; evocar; poética memorial e dança particular.

O RIO DE MEMÓRIAS

A noção de rio de memórias conduz um olhar poético-sensível em relação à dança e o corpo que dança, considerando no processo de criação a subjetividade do sujeito e buscando estímulos da memória como caminho de sensibilização para processos de experimentação e criação em dança. Nesse sentido:

O próprio corpo dançante passa a ser o lugar que torna possível e visível os agenciamentos e forças virtuais passadas que ao se tornarem reais durante a criação evidenciam a abstração das informações advindas de acontecimentos passados (Souza, 2018, p. 215).

Para a proposição da noção de rio de memórias, foi traçada uma rede teórica com quatro teorias principais: identidade pessoal (Mourão Júnior; Faria, 2015); dança imanente (Mendes, 2010); abordagem histórico-cultural de Vygotsky (Fontana; Cruz, 1977) e encantaria-corpo (Souza, 2022). Cada uma delas observa o sujeito e suas interações no mundo e como essas relações estão presentes e são expressas no/pelo corpo. A memória encontra-se conectada à identidade pessoal do sujeito,

não fosse a memória, sequer saberíamos que cursamos uma faculdade, não saberíamos nem mesmo nosso nome, e tampouco o nome de nossos pais, amigos etc. Em outras situações da vida, somos capazes de identificar comportamentos automáticos que estão, também, intrinsecamente relacionados à memória (Mourão Júnior; Faria, 2015, p. 781).

O armazenamento memorial é fruto de uma rede de sensações, percepções e relações que o ser humano tem em suas interações no/com o mundo. Cada sujeito se diferencia dos demais, visto que suas interações sempre são particulares,

idiossincráticas. Com efeito, Figueiredo (2010, p. 5) comenta:

A memória do corpo deverá saber-se que nasce dos elementos internos, as emoções trazem consigo a retomada dos sentimentos experimentados em algum ponto do passado e que pertencem à pessoa. O dançarino se utiliza deste material para energia criadora.

A memória é criada a partir dos elementos externos, e dessas interferências o sujeito constrói sua identidade pessoal. Em consonância a essa abordagem, acrescentamos outro conceito que trata das interferências externas e sua ação no processo de desenvolvimento do sujeito na sociedade. Referimo-nos à abordagem histórico-cultural de Vygotsky (Fontana; Cruz, 1977), que analisa as interações sociais e o efeito delas nos comportamentos individuais dos sujeitos. Segundo os autores, Vygotsky aponta que o ser humano é feito de relações, conceitos e significados criados durante interações com o meio social que se armazenam na memória corporal. Logo, as manifestações do corpo no mundo também são reflexo dos atravessamentos causados pelo mundo no corpo. Somando-se à rede conceitual da noção de rio de memórias, a dança imanente é uma práxis artística que trabalha com as particularidades do corpo em processo de criação em dança, isto é, ela é

uma dança que emerge das imanências constituintes de planos de imanência, entendidos aqui como corpos. Nesse sentido, as imanências-dançarinos, ou os corpos-dançarinos, eram concomitantes sujeitos e objetos da pesquisa, sujeitos e objetos de percepção e criação coreográfica (Mendes, 2010, p. 3).

Para Mendes, a criação em dança nasce dos atravessamentos presentes em cada corpo. A autora compreende que a singularidade do corpo é coletiva. Em suas palavras, a dança imanente,

Não se trata da ideia de subjetivação do corpo como algo estanque e unificado, nem tampouco individual, mas sim de uma subjetividade que se

constrói de forma múltipla e coletiva [...] Tudo é processo e o corpo sujeito, por sua vez, é também processual (Mendes, 2018, p. 181).

Em nosso estudo, observamos uma relação entre dança imanente e a abordagem histórico-cultural, ambas sinalizando que o exterior influencia o interior do sujeito, e vice-versa. A noção de encantaria-corpo (Souza, 2022) agrega-se neste estudo refletindo sobre o ambiente encantado do corpo. Esse ambiente é formado pelas particularidades do corpo, porém, em estado de poesia, ou seja, a encantaria-corpo, que é, segundo a autora, a dimensão poética do sujeito, onde este mergulha quando experimenta-cria-performa suas danças. Em suas palavras:

Experimentar a encantaria-corpo sugere ao dançarino(a) imergir no corpo, mergulho, descida, busca no invisível, profundidade; experimentar o corpo-encantaria sugere ao dançarino(a) perceber as emersões no corpo, aparição, súbita, revelação, expressão visível, superfície (Souza, 2022, p. 202).

Por meio das referências expostas até aqui, constrói-se a noção de rio de memórias, que utiliza as lentes da encantaria-corpo para desenvolver uma proposta de criação em dança que considera a profundidade encantada do corpo como um rio. Segundo Souza (2022), esse habitat encantado é sensibilizado em processos de experimentação/ criação em dança, onde o corpo imerge em si para, posteriormente, emergir em novas formas de mover-dançar. Ao utilizarmos o rio de memórias coadunando à encantaria-corpo, propomos que as forças indutoras da experimentação e criação em processo criativo sejam as memórias corporais.

Para dialogar com as considerações acima, lançamos mão de uma filosofia para pensar e experimentar a ideia de coletividade, sem perder de vista aquilo que é idiossincrático ao corpo. O sujeito é um ser coletivo. A dança é reflexo dos atravessamentos coletivos do ser que dança. Dançar em coletivo é abrir-se ao diálogo da relação. Isto posto, propomos a relação do rio de memórias com a filosofia Ubuntu do povo Bantu como motriz para a elaboração das três vivências coletivas em dança que abordaremos mais à frente.

UBUNTU

Dentro das filosofias presentes no continente africano, encontra-se o povo de origem Bantu, que contém inúmeras etnias, e algumas delas podem ser encontradas nos territórios da linha do equador e no fim do Cabo da Boa Esperança (Ondó, 2000 *apud* Saraiva, 2019). O nome do povo, de acordo com sua língua padrão, tem origem do plural do termo *muntu*, que significa “pessoa”. Assim sendo, Bantu tem o significado de pessoas (Ondó, 2000 *apud* Saraiva, 2019). Por meio dos estudos das formas de manifestações culturais desse povo, uma filosofia foi reconhecida e chamada de Ubuntu. A filosofia Ubuntu concentra-se no olhar da humanidade em coletivo, sendo essa uma comunidade que partilha suas individualidades. Segundo Saraiva (2019, p. 98):

Ubuntu não tem a ver com apenas cordialidade como está sendo lido atualmente, mas que se trata de meios de manutenção da vida coletiva. Viver em coletivo na medida em que o humano se dá por meio da comunidade interconectada com o mundo.

Nesse sentido, a filosofia relaciona-se com a ideia de uma comunidade que vive de forma compartilhada com os meios sociais, culturais e naturais. Cavalcante (2020, p. 184) comenta que, no Ubuntu, somos “uma multiplicidade de singularidades. Para tal, tem a igualdade como um princípio fundamental e condicional para a existência do outro”. Logo, podemos considerar que todos somos gerados em coletivo, vivemos em um fluxo constante de relações e essas nos afetam e nos mostram que a singularidade é feita a partir de múltiplas singularidades. Cada sujeito é muitos outros, pois nós fazemos conexões com outros corpos, outras existências e, com isto, somos seres intersubjetivos.

Pensando a filosofia Ubuntu junto ao rio de memórias, encontramos um elemento em comum em ambas as propostas. Na noção de rio de memória, a memória é vista como identidade pessoal do sujeito e, portanto, uma unidade particular de cada pessoa. Porém, dentro da pesquisa, a memória é analisada como resultado de uma rede de informações externas, criadas pela experiência de um sujeito com o coletivo ao

seu redor. Sendo assim, a memória é um aspecto singular do sujeito, que só existe devido a sua interação com um meio coletivo. Dito isto, ressalta-se que o rio de memórias é uma singularidade construída através de relações com o múltiplo. Investigando as relações entre o rio de memórias e a filosofia Ubuntu, encontramos uma análise realizada por Ramose (1999) sobre a origem da palavra Ubuntu. O autor apresenta o conceito da filosofia ao realizar uma análise das sílabas *ubu* e *ntu*:

O prefixo *ubu* contempla a ideia do Ser em seu modo dinâmico, integral, anterior às manifestações particulares ou modos de existência, em um constante movimento, e o sufixo *ntu* indica toda manifestação particular, os modos distintos de existência. Nesse sentido, a compreensão da palavra *ubuntu* nos permite indicar tudo o que está em nosso convívio, tudo aquilo que temos em comum em uma realidade integradora de tudo o que está se transformando (Ramose, 1999, p. 50).

Nota-se que o Ubuntu é uma realidade completa que se atravessa e constrói um sujeito mediante suas relações em coletivo. A construção do sujeito é vista como um completo devir, porque os seres humanos vivem em eterno movimento de atravessamentos e fluxos que se conectam e geram as ações dos sujeitos.

Novamente percebemos, por meio das reflexões de Ramose, um ponto de encontro entre as duas noções supracitadas. A memória seria o lugar de constante movimento de armazenamento e partilha das informações recebidas pelo sujeito no contato com o coletivo. Ela pode ser apresentada como o elemento comum entre os sujeitos, sendo o *ntu* a particularidade comum, pois todos os sujeitos criam memórias. Já o processo de criação das memórias seria *ubu*, pois o sujeito está em constante contato com o meio externo, e essas vivências são particulares. Com efeito, o processo de armazenamento de experiências está sempre inacabado e será único de pessoa para pessoa.

Nesse sentido, processos de criação em dança que focalizam a memória como estímulo criativo podem permitir que os corpos dançantes se identifiquem como parte única de um todo que está em constante movimento de armazenar e

partilhar vivências. Deste constante movimento das redes de informações e as interações que formam essas redes, apontamos o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (1995), o qual “não começa e nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre coisas, inter-ser, intermezzo” (Deleuze; Guattari 1995, p. 37). Essa percepção vem se somar à noção de coletividade da filosofia Ubuntu.

RIZOMA

Para somar com a proposta da filosofia Ubuntu, encontramos o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (1995), que conduz um olhar relacionado às interações múltiplas que ocorrem entre os sujeitos. A filosofia Ubuntu pontua que o ato de existir só se torna possível devido à existência em coletivo, portanto, nossa particularidade como sujeitos nada mais é do que esses entrelaçamentos coletivos. A noção de rizoma aponta que somos um amontoado de informações, somos atravessados, “fomos ajudados, aspirados, multiplicados” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 2), pois tudo está em constante relação:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser (Deleuze; Guattari, 1995, p. 36).

O conceito de rizoma promoveu mudanças nas percepções filosóficas, gerando uma nova forma horizontal de pensar, que questionava as antigas teorias do pensamento, as quais analisavam o pensar de forma hierárquica e fechada, onde existiam áreas de conhecimento superiores a outras. Dentro desta perspectiva surge a ideia de multiplicidade, que pode ser vista como atravessamentos de informações que influenciam as ações. Por exemplo, a marionete se move através de suas linhas, mas, para o movimento existir, as linhas sofrem interferência do movimento daquele que a manipula, sendo este o marionetista. Logo, a marionete e o marionetista estão em uma relação de agenciamento. Existem interconexões entre

eles. Aprofundando um pouco mais acerca do conceito:

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas (Deleuze; Guattari, 1995, p. 5).

Ante o exposto, refletimos a respeito das interações entre as filosofias do Ubuntu e do rizoma, notando que ambas contêm percepções similares sobre a existência de um sujeito que não é uno e imutável, mas participante, ativo-passivo, das ações em rede de conexões, isto é, participante das atividades de ajuntamentos (Deleuze; Guattari, 1995). Diante da compreensão de sermos interconectados, foi criada uma imagem força que representa os conceitos do estudo na interação com o rio de memórias. A imagem a seguir é a abstração dos atravessamentos dos rios de memórias do sujeito. Cada linha é um rio de memórias, logo, um sujeito. Esses sujeitos se encontram durante o processo de experimentação/criação apontado nesta pesquisa. Vários rios de memórias encontram-se e geram o que nomeamos de Mergulho Coletivo.

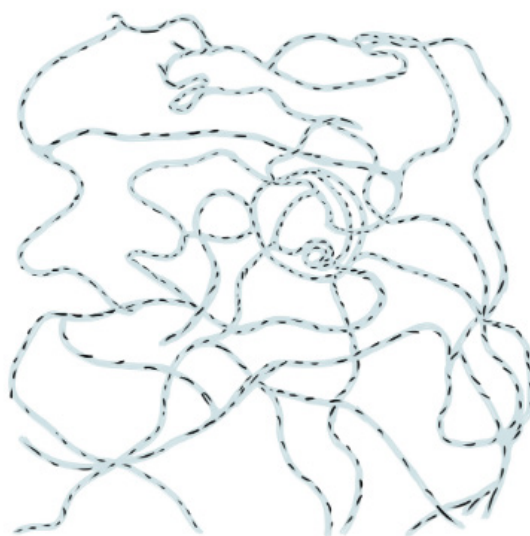


Figura 1 - Imagem força do cruzamento conceitual entre rio de memórias, Ubuntu e rizoma. Técnica: Desenho.
Fonte: Elaboração de Rita Aroucha e Nia Costa, 2023.

A noção de Mergulho Coletivo é o momento em que vários rios de memórias se encontram e vivenciam juntos experimentações e criações coletivas que têm como indutor as memórias. A imagem acima representa os emaranhados de rios que se atravessam e influenciam nas fluências individuais de cada corpo.

MERGULHO COLETIVO

Este estudo pretende nos fazer refletir que o corpo é fluência de um mesmo rio repleto de individualidade. O processo de Mergulho Coletivo materializa-se por meio de experimentações em dança, que conduzem cada sujeito a se sensibilizar recorrendo às suas memórias pessoais conectadas àquelas dos demais corpos envolvidos na experimentação. Dessa maneira, propomos compreender a ideia de Mergulho Coletivo a partir da percepção de Mendes, onde pensamos a subjetividade “não como algo puro e individualizado, mas como algo adulterado, repleto de elementos estranhos. Aliás, é a partir dessa impureza que se constrói a individualidade. O indivíduo é, então, resultado de experiências coletivas” (Mendes, 2010, p. 109).

Essas experiências com o coletivo são acontecimentos das vivências dentro do universo da noção de rio de memórias atreladas às filosofias de Ubuntu e rizoma. Para explicar a noção de Mergulho Coletivo, primeiramente analisaremos de forma individual os termos “mergulho” e “coletivo”. Através da percepção de Souza (2022), investigaremos a noção do mergulho, e por meio das filosofias já referenciadas nos tópicos acima, será entendida a abordagem de coletivo.

De acordo com Souza (2022), a noção do mergulho é o momento de encontro do corpo dançante com sua encantaria-corpo,⁴ um momento de sensibilização do corpo no próprio “corpo dançante ao ir e vir na encantaria-corpo, a fim de experimentar, criar, a partir de suas profundezas, suas forças interiores” (Souza, 2022, p. 130). Nesse sentido, o mergulho seria o processo de observação e escuta do corpo, com o objetivo de encontro com subjetividades interiores, transformando, assim, as vivências do indivíduo na matéria-prima cerne da criação em dança.

Os mergulhos caracterizaram-se sobretudo pela atenção ao tempo presente da ação, e das relações geradas a partir de escuta refinada, a fim de que fosse gerada uma percepção mais sensível aos estados e atividades internas do corpo, imerso em seu abrigo poético, mas também atento e abandonado a perceber suas emergências (Souza, 2022, p. 132).

Utilizamos a ideia de mergulho de Souza (2022) para os processos de experimentação no mergulho coletivo apresentado neste estudo, pois buscamos o corpo dançante que escute e investigue seu rio de memórias de maneira subjetiva. Pensando a proposta do mergulho individual, agregamos para esta pesquisa a noção da coletividade que advém das filosofias Ubuntu e rizoma, fazendo com que o sujeito se compreenda como parte de um todo. Assim sendo, cada particularidade é pensada e experimentada ligada aos agenciamentos que determinam a identidade do corpo, identidade esta que é constantemente dependente das relações do ser com o mundo.

A identidade, contudo, não é algo estanque. Estando ela relacionada com o corpo, encontra-se na dependência das experiências vividas por esse corpo, e nesse sentido, transforma-se ao passo que ele vai sendo transformado pelo aprendizado cotidiano (Mendes, 2010, p. 170).

Dentro dessa perspectiva, nasce o potencial de criação em dança intitulado *Mergulho Coletivo*, que tem como premissa a realização de mergulhos do/no corpo para que este acesse seu rio de memórias. Esse acesso é conduzido pela noção de coletividade. A seguir, apresentaremos um pequeno esquema com as três experimentações realizadas neste estudo:

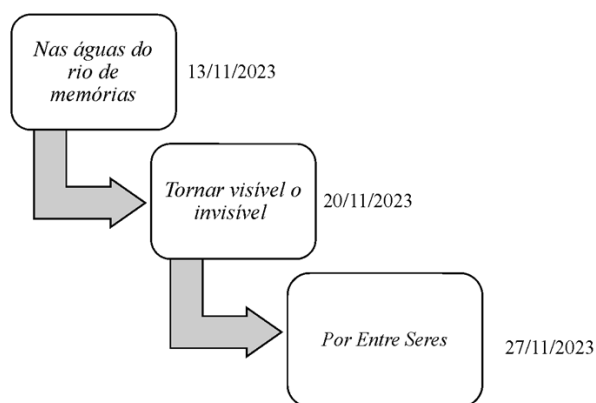


Figura 2 - Gráfico representando as experimentações realizadas na noção de Mergulho Coletivo.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

NAS ÁGUAS DO RIO DE MEMÓRIAS

No dia 13 de novembro de 2023, na sala de dança da Casa das Artes, realizou-se a primeira experimentação dentro do universo do Mergulho Coletivo. Para essa experimentação participaram vinte e três pessoas, sendo elas: Alan Guimarães, Alessandro de Paulo, Amanda Galvão, Ana Gabrielly Corrêa, Bárbara Palheta, Bernadeth Beltrão, Brenda Calandrine, Carlos Potiguar, es lury, Fernanda Silva, Geane Leite, Haku Brito, Kauã Tenorio, Leylla Melo, Mairon Pantoja, Matheus Nascimento, Nia Costa, Nicolly Martins, Rosiane Borges, Ryan Rodrigues, Thelma Mendes, Vritá (Beatriz de Souza) e Yasmin Corrêa.

Durante o mergulho, os participantes tinham que identificar as particularidades formadoras de seu rio de memórias. Como caminho metodológico, foram utilizadas as etapas de arquivo memória-corpo e evocar. Os participantes foram guiados a mergulhar no arquivo memória-corpo, e essa etapa é vista como o momento no qual o sujeito encontra-se com as águas do seu rio de memórias, de maneira submersa. Caracteriza-se por ser o (re) conhecer do sujeito com o estado de ligação consigo mesmo, experimentando-se e iniciando seu processo criativo. Esse momento foi estimulado por meio da pergunta indutora: "O que existe em seu rio de memórias?". Todos elaboraram um texto e/ou palavras-chave que representassem os elementos presentes nas profundezas de seus corpos.

A elaboração do texto caracterizava-se pela etapa do evocar, pois, durante o processo de escrita,

era necessário evocar particularidades, observá-las, sentir e perceber o que o corpo fala de si. Dessa forma, cada participante ia mergulhando "em lembranças de momentos já vivenciados, imergindo em si e permitindo-se observar como essas memórias se apresentam, como elas se manifestam, como ativam e despertam o corpo" (Aroucha; Souza, 2024). Seguem alguns resultados da primeira experimentação:

Relato Poético 1 - Intérprete-criador Alan Guimarães (13/11/2023)

Existe algo no meu rio, e alguns vazios.

Há em tudo o que encontrei, tudo o que me deram e em muitas medidas o que me encontrou. Meu rio veio do encontro de outras duas águas, profundas, sofrimento, hora muito pensados e em tantas outras leve, como o riso de uma criança.

Neste meu rio de memórias há pedaços de estrelas já mortas que me fazem único, há meu alimento, meu doce café, e os aladas dores de algo morre para eu aprender a viver, meu corpo não gosta de orar, mas precisa sorrir com inocência, e alguma graça, pelo presente que me compõem, e pela falta que me compõem.

Como um rio, só quero no momento passar, e como rio, acho que me falta um pouco mais de amor e eterno retomar.

Relato Poético 2 - Intérprete-criador Alexandro de Paula (13/11/2023)

Nas águas dançantes do meu ser, fluir rio de memórias a percorrer, com passos e piruetas, desafios vencendo. Conexões se tecem, desencontros se desviam, entre incertezas e esperanças, as águas se acalmam.

Relato Poético 3 - Intérprete-criadora Haku Brito (13/11/2023)

Existe uma girafa de plástico, uma blusinha amarela, uma casa rodeada de árvores e plantas; um machucado no joelho causado por um acidente de bicicleta, muitas idas e vindas de amigas, machucadas no coração e na mente, histórias e conversas sentada com meu pai na frente de casa, na praça, na praia, no museu, em casa e tantos lugares..., tardes e noites assistindo séries e filmes com minha mãe.

Ao analisar os relatos poéticos, observa-se que, no primeiro, o intérprete Alan Guimarães analisa seu rio de memórias a partir das experiências já vividas, sendo assim, tudo aquilo que encontrou e lhe foi dado. Deste modo, nota-se uma interação entre a particularidade de suas vivências e a coletividade que o cerca, revelando assim seu lugar encantado, nomeado de rio de memórias. Já no segundo relato, em formato de poesia, o intérprete Alexandro de Paula presencia o que existe nesse rio, revelando que suas construções memoriais são fluídas, calmas e agitadas, tal como as águas de um rio que se movimenta constantemente. Em desfecho, no terceiro relato poético, de Haku Brito, surgem elementos memoriais, trazendo à tona lembranças específicas que afetam o sujeito e movimentam e constroem as águas do seu rio, mostrando como tais recordações alteram sua percepção e, portanto, sua dança.

Nota-se que cada um dos relatos poéticos acima é formado pelas subjetividades das pessoas que os escrevem. Mesmo que sejam relatos extremamente pessoais, todos trazem em comum as redes de interações coletivas que cruzam as existências idiossincráticas de cada corpo. Em consonância a esta afirmação, destaca-se:

Conforme verificado, não se trata a ideia de subjetivação do corpo como algo estanque e unificado, nem tampouco individual, mas sim

de uma subjetividade que se constrói de forma múltipla e coletiva, tal qual a experiência da construção ininterrupta da identidade cultural. Tudo é processo e o corpo sujeito, por sua vez, é também processual (Mendes, 2010, p. 181).

Desta forma, os relatos poéticos se caracterizam semelhantes, pois todos apresentam em sua construção a particularidades dos intérpretes e, além disso, enfatizam como essa particularidade está vinculada diretamente com uma rede de coletividade que cerca o sujeito. Logo, nota-se como as percepções, sensações e criações particularizadas de um sujeito estão imersas em um contexto coletivo, deste modo influenciando suas ações sobre o mundo. Portanto, suas construções em dança, também serão trespassadas por essas redes coletivas.

TORNAR VISÍVEL O INVISÍVEL

Este experimento ocorreu no dia 20 de novembro de 2023, na sala de dança da Casa das Artes, com colaboração de dezessete participantes: Alessandro de Paulo, Ana Gabrielly Corrêa, Bernadeth Beltrão, Brenda Calandrine, Carlos Potiguar, es lury, Fernanda Silva, Geane Leite, Haku Brito, Isabella Oliveira, Kauã Tenorio, Mairon Pantoja, Matheus Nascimento, Nia Costa, Nicolly Martins, Thelma Mendes e Yasmin Corrêa.



Figuras 3 e 4 - Intérpretes-criadores Geane Leite e Mairon Pantoja observando suas imagens. Fotografias de Carlos Potiguar, Kako Tenório e Nia Costa (2023).
Fonte: Acervo pessoal dos fotógrafos.

Durante o processo, desenvolveu-se a segunda experimentação, que tinha o objetivo de tornar visível as profundezas corporais dos participantes. Levando em consideração os textos produzidos na primeira experimentação, foram solicitadas cinco imagens.

As imagens serviam como um disparador imersivo, para que os corpos analisassem e evocassem suas próprias memórias. Também foi feito um momento de observação das imagens, para que as memórias e sensações corporais fossem sensibilizadas aos poucos.

A observação das imagens buscava instigar os participantes a mergulharem em lugares escondidos no seu corpo. Segundo Perrotta (2010, p. 62), “pelo meio visual, o imaginário do bailarino é alimentado com imagens adquiridas”. Sendo assim, durante a experimentação, as imagens permitiam o encontro com memórias antigas, mas também a produção de novas memórias.

Dando prosseguimento, foi realizado o processo de poética memorial, no qual os participantes trabalharam a criação de movimentos particulares que dialogassem com as sensações percebidas durante o momento de observação das imagens. Após a etapa de criação, os movimentos foram partilhados com todos os presentes. Posteriormente às apresentações, procedeu-se a

um momento de criação coletiva, onde cada um pôde compartilhar suas movimentações. Cada movimentação escolhida apresentava o invisível daqueles corpos e o movimento, portanto, era a matéria que tornava visível as memórias, por meio de gestos de danças particulares.

O momento de compartilhamento foi intitulado *Atravessamentos que afetam*, uma vez que cada movimento escolhido preenchia individualmente o rio de memórias de cada um.

POR ENTRE SERES

No dia 27 de novembro, na sala teórica do espaço Casa das Artes,⁵ desenvolveu-se a última experimentação, que tinha como principal indutor de criação a relação das multiplicidades que criam a subjetividade do rio de memórias. Para esse momento, participaram dezessete pessoas: Alan Guimarães, Alessandro de Paulo, Amanda Galvão, Bernadeth Beltrão, Brenda Calandrine, Carlos Potiguar, es lury, Geane Leite, Haku Brito, Isabela Oliveira, Kauã Tenorio, Mairon Pantoja, Matheus Nascimento, Nia Costa, Nicolly Martins, Thelma Mendes e Yasmin Corrêa.

A experimentação tinha o objetivo de fazer os participantes refletirem sobre como o rio de memórias é reflexo de interferências externas.



Figura 5 - Intérpretes-criadores partilhando movimentações. Fotografia de Carlos Potiguar, Kako Tenório e Nia Costa (2023).

Fonte: Acervo pessoal dos fotógrafos.

Realizamos a observação por meio de uma dinâmica com o crochê. O trabalho de crochê é um atravessado de pontos que criam juntos diferentes formas, e, mesmo que cada trabalho seja diferente, todos têm em comum os atravessamentos de pontos. Dentro dessa perspectiva, criou-se um poema intitulado *Por Entre Seres*:

Por entre pontos, por entre laços
Cada ponto vai fazendo um traçado
Entre pontos altos e baixos
Vou fazendo meu emaranhado
Conexões sem fim
Já parou para pensar que a vida é assim
Por entre pontos
Por entre laços
Um emaranhando de retalhos
Cada um com o seu significado
Juntos viram um belo trabalho.
(Rita Aroucha)

Nesse momento, todos os participantes presentes reuniram-se em uma grande roda, onde fizeram juntos um pequeno trabalho de crochê, utilizando apenas um novelo de lã. Cada participante tinha que colocar um ponto, que seria a representação de suas particularidades. Esse experimento

teve por objetivo instigar e sensibilizar os participantes a observar, de maneira abstrata, a ideia do Mergulho Coletivo, analisando, assim, sua profundidade corporal por entre seres, esse corpo cheio de atravessamentos coletivos.

Após a prática do crochê coletivo, houve uma dinâmica onde os pontos da linha de crochê foram substituídos pelos corpos dos participantes, na intenção de que cada corpo representasse um dos pontos da lã que se atravessavam. Iniciou-se, então, a experimentação, onde os participantes tinham que jogar a linha do crochê entre si, até formar um círculo por meio das linhas que se cruzavam.

Finalizamos essa prática com um momento juntos. Tínhamos que criar algo para representar os fios emaranhados e desemaranhados das linhas de crochê. Dessa forma, pensamos que:

O corpo, assim como o rizoma, conecta-se a outros corpos e também ao meio, assim como destaca-se pelo caráter de heterogeneidade entres os corpos. Como o rizoma, o corpo também se caracteriza pela multiplicidade de informações nele impressas, bem como de outros corpos e, conseqüentemente, de



Figura 6 - Realização do crochê coletivo em roda. Fotografia de Carlos Potiguar, Kako Tenório e Nia Costa (2023).
Fonte: Acervo pessoal dos fotógrafos.



Figura 7 - Os intérpretes-criadores são os pontos. Fotografia de Carlos Potiguar, Kako Tenório e Nia Costa (2023).
Fonte: Acervo pessoal dos fotógrafos.

caminhos por onde essas informações entram e saem (Mendes, 2010, p. 115).

Após o terceiro momento, finalizamos nossas experimentações no universo do Mergulho Coletivo. Como resultado, foi gerado também um vídeo documental que apresenta os três momentos citados neste artigo. Segue abaixo o QR code de acesso ao documentário.



Figura 8 - Qr code de acesso ao vídeo documental Mergulho Coletivo: vivência dentro do projeto de pesquisa.
Autoria: Elaborado pelas autoras, 2023.

CONCLUSÃO

O Mergulho Coletivo é uma noção com desdobramento em proposições metodológicas para experimentação e criação em dança, que investiga o potencial criativo nas entranhas do corpo. No processo de mergulho, o corpo conecta-se com o seu rio de memórias, e este conecta-se à coletividade que lhe forma. Para este estudo, compreendemos que, tanto nas práticas individuais quanto nas coletivas, o cerne da experimentação e criação de gestos é a percepção das multiplicidades que formam o sujeito.

Por meio dessas vivências, foram desenvolvidas duas obras - ambas disponíveis no canal do Youtube da artista Rita Aroucha - as quais foram geradas a partir da relação da artista Rita Aroucha, tomando como estímulo às interações coletivas na rede particular da artista: *Poetizar* (2023) e *Por Entre Seres* (2023) têm como finalidade expor a prática de experimentação-criação no universo do Mergulho Coletivo.

Isto posto, o processo aqui apresentado buscou instigar os participantes a conectarem-se com suas subjetividades como parte integrante de um todo, para pensarem a criação de danças como poéticas coletivas.

REFERÊNCIAS

AROUCHA, Rita de Cassia Lima; SOUZA, Luiza Monteiro e. O rio de memórias como potencial de criação em dança na encantaria-corpo. Arte e pensamento contemporâneo em revisão. **Anais do X Fórum Bienal de Pesquisa em Artes**. III Encontro Regional da ANPAP Norte - Belém/PA e II Jornada Arte Educação do Prof-Artes, 22 e 25 de março de 2023. Belém: PPGArtes/UFGPA, 2024. Disponível em: <<https://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/programa/noticias/todas/551-publicacao-do-anais-do-x-forum-bienal-de-pesquisa-em-artes-iii-encontro-regional-da-anpap-norte-belem-pa-ii-jornada-arte-educacao-do-profartes-arte-e-pensamento-contemporaneo-em-revisa>>. Acesso em: 30 ago. 2025.

CAVALCANTE, Kellison Lima. Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano. **Revista Semiárido de Visu**, Petrolina, v.8, n.2, p.184-192, 2020. Disponível em: <<https://semiaridodevisu.ifsertaope.edu.br/index.php/rsdv/article/view/52>>. Acesso em: 30 ago. 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves de. Gente em cena: fragmentos e memórias da dança em Goiás Fênix. **Revista de História e Estudos Culturais**, v.7, n.1, p. 1-13, 2010. Disponível em: <<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/248>>. Acesso em: 30 ago. 2025.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

MOURÃO JÚNIOR, Carlos Alberto; FARIA, Nicole Costa. **Memória**. Psicologia Reflexão e crítica. Porto Alegre, v.28, n.4, p. 780-788, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/kpHrP364B3x94KcHpCkVqQM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 30 ago. 2025.

MARTINS, Bene. Nos fios da memória, a emaranhada de tessitura de um ser. **Ensaio Geral**, Belém, v. 3, n. 5. p. 166-177, 2011 (impresso).

MENDES, Ana Flávia. **A Dança imanente no ensino e criação em artes cênicas**. Coleção de processos criativos em companhia, v.5. São Paulo: Escritura, 2018.

MENDES, Ana Flávia. **Dança imanente: uma dissecação artística do corpo no processo de criação do Espetáculo Averso**. São Paulo: Escrituras, 2010.

NASCIMENTO, Alexandre. Ubuntu como fundamento. **UJIMA - Revista de Estudos Culturais e Afrobrasileiros**, [s.l.], v.20, n.20, 2014. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/alexandre_do_nascimento_-_ubuntu_como_fundamento.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2025.

ONDÓ, Eugenio Nkogo. **Síntesis sistemática de la filosofía africana**. Barcelona: Edicionescarena, 2000.

PERROTTA, Christian. A linguagem na movimentação do corpo. In: MENDES, Ana Flávia (org.). **Abordagens Criativas na cena: os múltiplos olhares da Companhia Moderna de Dança**. São Paulo: Escrituras, 2010.

RAMOSE, Mogobe. B. **African philosophy through ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999.

SARAIVA, Luiz Augusto Ferreira. O que e quem não é ubuntu: crítica ao “eu” dentro da filosofia ubuntu. **Problemata - Revista Internacional de Filosofia**, João Pessoa, v.10, n. 2, p. 93-110, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/49161>>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SOUZA, Luiza Monteiro e. **Experimentações em dança imanente**. Coleção Processos Criativos em Companhia, v.4. São Paulo: Escrituras, 2018.

SOUZA, Luiza Monteiro e. **Encantaria-corpo: processos de criação e poéticas em dança**. 2022. Tese (Doutorado em Artes) - Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufpa.br/items/56b86919-1c87-4cbb-bbfd-4a8115cc6c63>>. Acesso em: 30 ago. 2025.

VYGOTSKY, Lev. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

Obras audiovisuais

AROUCHA, Rita. Por Entre Seres [Vídeo]. **YouTube**, 17 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://youtu.be/kFmL7ZJZ9Pg?si=QDwrSLhc2rvUHTLO>>. Acesso em: 1 jan.2024.

AROUCHA, Rita. Poetizar [Vídeo]. **YouTube**, 21 de junho de 2023. Disponível em: <<https://youtu.be/KTtvnjGZBxl?si=RsQW-rrjGlqJLqAZ>>. Acesso em: 1 jan. 2024.

Notas

¹ *Viola Davis* é uma composição de Sant, em colaboração com LP Beatz, e interpretado por Sant na faixa 2 do EP *Fazendo Arte*, de 2019.

² O artigo *O rio de Memórias como potência de criação na encantaria-corpo* é resultado da pesquisa desenvolvida por Rita de Cassia Lima Aroucha e Luiza Monteiro e Souza no ano de 2022, desenvolvida por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Pará (PIBIC/UFGA). Sendo assim, a pesquisa trata de uma proposta de criação e experimentação em dança, que utiliza a memória corporal como sensibilizadora do corpo dançante, a fim de que este mergulhe em suas histórias de vida para criar gestos, movimentos e danças particulares.

³ O projeto de pesquisa está vinculado ao curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Pará (UFGA). Suas atividades vêm sendo desenvolvidas há quase 3 anos, no âmbito da tese de doutoramento da professora doutora Luiza Monteiro e Souza, coordenadora do projeto de pesquisa, cuja tese-memorial intitula-se *Encantaria-corpo: processos de criação e poéticas em dança*, disponível no Repositório da UFGA através do link <<https://repositorio.ufpa.br/items/56b86919-1c87-4cbb-bfbd-4a8115cc6c63>>. Acesso em: 30 ago. 2025.

⁴ Noção criada na tese-memorial Luiza Monteiro e Souza (2002), a *encantaria-corpo* aborda as subjetividades do sujeito relacionadas ao seu “habitat” poético e encantado. Neste local, o corpo dançante mergulha a fim de sensibilizar-se com suas forças poéticas. Sendo assim, a *encantaria-corpo* faz-se uma dimensão potente para o estímulo do corpo na criação em dança.

⁵ A Casas das Artes é uma unidade da Fundação Cultural do Pará desde janeiro de 2015, com sede em Belém/PA, localizada na Rua Arcebispo D. Alberto Gaudêncio Ramos, 236, ao lado do Santuário Basílica de Nazaré. Disponível em: <<https://www.fcp.pa.gov.br/cursos-e-oficinas/141/casa-das-artes/>>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SOBRE AS AUTORAS

Rita de Cassia Lima Aroucha é bailarina-artista e pesquisadora da dança, graduanda em Licenciatura em Dança pela Universidade Federal do Pará (UFGA). Bolsista PIBIC do Projeto de Pesquisa *Processos de criação na encantaria do corpo*. Atualmente pesquisa abordagens de pensar/fazer/criar e ensinar processos de criação em dança, tendo em vista a perspectiva da encantaria-corpo. E-mail: cassialiveiralimara2004@gmail.com

Luiza Monteiro e Souza é artista, pesquisadora e docente da área da dança. Bailarina e diretora artística da Companhia Moderno de Dança, em Belém (PA). Doutora em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes da UFGA. Professora efetiva da Faculdade de Dança do Instituto de Ciências da Arte da UFGA e vice-diretora da Faculdade de Dança na mesma universidade. E-mail: luizamonteirosouza@yahoo.com.br

Recebido em: 25/10/2024

Aprovado em: 30/8/2025